

FORMAÇÃO CONTINUADA: COMPREENSÃO E ANÁLISE DAS AÇÕES DOCENTES QUANTO AO ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA MATERNA EM AMBIENTE ESCOLAR

Gianka Salustiano Bezerril ¹

Introdução

A partir das metas estabelecidas pelo MEC e pelo Plano Estadual de Educação, no Rio Grande do Norte, tendo como foco a aprendizagem e o sucesso do aluno, busca-se a melhoria na qualidade do ensino desenvolvendo diferentes Programas como: Pró-letramento, Alfa e Beto, Educavisa, Escola Cidadã, Agenda Potiguar pela alfabetização de Crianças, Mediadores de Leitura, Projeto Correção de Fluxo Escolar, Gestar e outros projetos e ações empreendidos pelo MEC.

Cada programa, projeto ou ação trabalha de acordo com as suas especificidades, seja elaborando planos municipais de alfabetização com a finalidade principal de planejar, acompanhar e mobilizar a sociedade e os educadores sobre a alfabetização de crianças de 6 a 8 anos de idade matriculadas na rede pública; seja atuando na formação de leitores (professores/alunos) dos anos iniciais do Ensino Fundamental tendo como objetivo fomentar a leitura de maneira lúdica e como exercício de promoção da cidadania; ou mesmo projetos que se propõem a atingir e mobilizar alunos matriculados nos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, com no mínimo dois anos de defasagem idade/ano, considerando suas dificuldades de aprendizagem e ajudando-os a superar limites. São inúmeros os programas, projetos e ações empreendidos pelo MEC e pelas Secretarias de Educação visando à melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem das escolas públicas por meio de um conjunto de intervenções pedagógicas. Conforme salienta Tinoco (2008, p. 63):

Nos últimos trinta anos, alterações muito positivas na formação de professores têm sido desenvolvidas: a instauração da formação continuada, a criação de cursos universitários específicos para professores em exercícios, mas sem formação específica, a educação curricular tendo em vista os problemas educacionais brasileiros detectados em diferentes

¹ Professora Assistente do Departamento de Ciências Sociais e Humanas (UFRN). Email: giankabezerril@yahoo.com.br

sistemas de avaliação, a firmação de convênios entre universidades e escolas de educação básica, entre outras.

Dessa forma, os professores e técnicos pedagógicos que trabalham em torno da formação de professores, especificamente do GESTAR II, na área de Língua Portuguesa, empreendem esforços na tentativa de ressignificar o ensino da língua materna, nas escolas brasileiras.

Neste artigo, trataremos do modo de organização de uma experiência vivenciada com professores da rede pública a partir do programa GESTAR II. A experiência é parte integrante da política de Formação Continuada, desenvolvida pela Secretaria da Educação e da Cultura do Estado do Rio Grande do Norte. Este artigo tem o objetivo de socializar as práticas desenvolvidas com professores do 6º ao 9º ano de algumas escolas da rede estadual de ensino, no ano de 2009, salientando a importância de Projetos de Formação Continuada no desenvolvimento de estratégias eficazes de ensino e aprendizagem. O norteador deste trabalho foi o GESTAR II – Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – um programa de formação continuada, na modalidade semipresencial, destinado aos professores do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, em Língua Portuguesa, e que tem como objetivo principal elevar o desempenho escolar dos alunos nessas disciplinas.

O GESTAR objetiva colaborar para a melhoria do processo ensino e aprendizagem dos alunos na área temática de Língua Portuguesa e Matemática, contribuindo para o aperfeiçoamento da autonomia do professor na sua prática pedagógica, permitindo o desenvolvimento de um trabalho baseado em habilidades e competências.

Como sujeitos do Programa, temos o coordenador pedagógico, o coordenador administrativo, o professor formador e o professor cursista. Nosso foco irá recair no delineamento de dois sujeitos de nosso relato: o professor formador e o professor cursista. O primeiro, o professor-formador, é da rede pública de ensino, licenciado em Letras e sua função é planejar, conduzir e avaliar as oficinas dos professores, acompanhar e orientar os cursistas em seus estudos individuais e prática pedagógica, assim como colaborar com as discussões pedagógicas relacionadas aos materiais e ao curso, função por nós desempenhada. Já o professor-cursista é da área de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental, da rede pública de ensino. É da sua responsabilidade o estudo dos conteúdos dos cadernos oferecidos pelo MEC e a explanação e desenvolvimento das atividades que deverão ser apresentadas ao formador; além disso, ele deve selecionar técnicas e materiais adequados ao desenvolvimento do ensino-aprendizagem, colaborando com as discussões pedagógicas relacionadas aos materiais e ao curso.

Assim, a partir dessa perspectiva, este artigo objetiva apresentar: (a) a socialização e alguns resultados das práticas desenvolvidas com professores do 6º ao 9º ano de algumas escolas da rede estadual de ensino na utilização dos Cadernos de Teoria e Prática 1, 2, 3 e 4 com a discussão de alguns temas mais relevantes: linguagem, leitura e processo de escrita, texto, discurso e gênero.

Em síntese, o presente trabalho assim se organiza: a seção de introdução, que apresenta uma breve contextualização das ações de formação continuada no RN e a experiência no Programa Gestão da Aprendizagem Escolar de Língua Portuguesa; a segunda seção, que apresenta como se estrutura as oficinas do GESTAR e fazemos reflexões sobre o ensino da escrita voltado para uma concepção interacional e dialógica (BAKHTIN, 2006), salientando a importância dos estudos de letramento na formação do professor, assim como descrevemos a ancoragem teórico-metodológica em que nos apoiamos; a terceira seção explana sobre a metodologia utilizada no GESTAR; a quarta seção que relatamos o modo de organização da experiência vivenciada e a seção de conclusão, que direciona o leitor às considerações finais.

Entendo a prática

No Programa GESTAR II, utilizamos os Cadernos de Teoria e Prática em Língua Portuguesa (TPs), ao todo são seis cadernos, denominados de TP1, TP2, TP3, TP4, TP5 e TP6. Estes são fundamentados na concepção de linguagem como uma constante ação - reflexão - ação, em conformidade com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2008), os quais apresentam os gêneros do discurso como objetos das práticas de ensino e aprendizagem e os textos como unidades dessas práticas e instrumento desencadeador das habilidades de leitura, produção e análise lingüística. Outros autores como Marcuschi (2008), Kleiman (1995), Kaufman (1995); Bakhtin (1926, 2003, 2006), Barton (1993), Antunes (2005) e Vygostky (2001) também fundamentam este trabalho.

O programa foi desenvolvido em todo o Estado do Rio Grande do Norte, mas as experiências aqui delineadas pertencem a um recorte de 10 escolas do município de Natal. É motivo de nossas reflexões o trabalho desenvolvido com 15 professores da rede pública estadual

e o resultado aqui exposto advém das observações verificadas em torno do trabalho de formação continuada.

Tivemos 10 encontros presenciais, contabilizando 40 horas de estudo, debates e produções, que totaliza seis Cadernos explorados ao longo da Formação.

Os professores participantes, à época, estavam atuando em sala de aula e os resultados alcançados com a experiência do programa foram bastante significativos, verificamos o desenvolvimento da prática docente e da aprendizagem dos alunos.

Nosso trabalho partiu inicialmente da atualização dos saberes profissionais por meio de subsídios e do acompanhamento da ação do professor com a devolutiva de suas oficinas que aconteceram a cada quinze dias, nesse momento foram socializados para o grande grupo os resultados das produções executadas com os alunos.

Em outras palavras, com os nossos estudos foi fortalecido, discutido e compreendido que o que objetivamos ensinar, como educadores, não é apenas o ler e escrever, mas vai além, é essencialmente levar nossos alunos a fazer uso da leitura e da escrita, envolvendo-se cotidianamente nas práticas sociais da leitura e escrita, através dos diversos gêneros do discurso² utilizados em sala de aula ou no cotidiano da vida social os quais advém (ou circulam no) do mundo real.

É com essa percepção, que os debates foram travados entre o professor formador e os cursistas, entendemos que o professor, realmente engajado com o desenvolvimento pleno de seus alunos, tem como intenção primeira o desenvolvimento da consciência crítica de seus educandos, preparando-os para atuarem significativamente no mundo em que circulam.

Ao desenvolver um trabalho voltado para uma concepção de linguagem interacional e dialógica (BAKHTIN, 2006), almeja-se que o próprio professor substitua a tradicional lista de conteúdos a ser trabalhada no decorrer do ano letivo com as famosas definições e classificações morfológicas e sintáticas, e passe a valorizar os usos efetivos da língua, com vistas ao desenvolvimento da competência discursiva do aluno, elaborando atividades estimulantes e que atendam as práticas sociais de uso da leitura e escrita. Com essa ressignificação do conteúdo, o professor tem sua atitude alterada, passando a ser leitor dos textos dos alunos, interagindo com os mesmos, pensando junto com ele. O aluno letrado passa de mero observador a sujeito que se envolve nas práticas sociais, alterando seu estado ou condição do ponto de vista social, cultural,

² Nos Cadernos de Teoria e Prática utilizados no Programa GESTAR, utiliza-se a terminologia *gêneros textuais*, porém nesse trabalho adotamos a posição epistemológica da Análise Dialógica do Discurso.

político, cognitivo e até econômico (SOARES, 1998).

No curso de formação em análise, buscou-se por meio de discussões de novas concepções teóricas, como a do letramento, propiciar uma constante reflexão de sua prática, tornando-o um educador crítico, compassivo às necessidades dos seus alunos, capaz de junto com os mesmos e com outros educadores nos encontros presenciais de formação continuada pensar em estratégias eficazes de desenvolvimento do letramento na sua escola.

O Letramento, em nossas oficinas, foi mais bem compreendido como sendo um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e tecnológico, em contextos específicos, para objetivos determinados; como prática que envolve atividade humana concreta e como práticas sociais, inferidas de eventos que são mediados por textos. Essas práticas são ações sociais que regularizam e legitimam formas de agir na sociedade e estão situadas no meio ambiente e dependem do contexto. Podendo-se assim dizer que num mesmo contexto sócio-histórico, diferentes letramentos coexistem.

Partindo desse pensamento, encontramos no desenvolvimento de nossa prática profissional caminhos que se entrecruzam e são pautados por essa forma de pensar em que as práticas de letramento são vistas como diferentes formas sociais e culturais de se utilizar a leitura e a escrita. Segundo (BARTON, 1993), elas são situadas em relações sociais mais amplas, dessa forma, é fundamental a descrição de situações sociais dos eventos de letramento, incluindo as diferentes instituições sociais que suportam letramentos particulares, envolvendo as ações dos sujeitos envolvidos, os pensamentos sobre as suas ações e os valores e ideologias que estão subjacentes a essas ações.

O entendimento do que se constitui o fenômeno do letramento e as implicações decorrentes do mesmo, reconhecendo a importância e a necessidade dos debates que focalizam a questão dentro das mais variadas perspectivas, sejam elas, psicológicas, etnográficas, históricas ou linguístico-discursivas, facilitou ainda mais o nosso trabalho nas oficinas, enquanto profissionais que trabalham com a linguagem.

Esse trabalho de formação continuada desenvolvido no ano de 2009 com professores da rede estadual de ensino, no município de Natal, procurou discutir questões relevantes ao estudo do letramento, propiciando o redimensionamento do fazer do professor, possibilitando-lhes múltiplos olhares em torno das questões do letramento com ênfase na instituição escolar em que os mesmos atuavam e na mais diferentes instâncias da vida social. Eles passaram a perceber as

muitas ações em que o letramento, enquanto prática social estava sendo realizado em sua atuação profissional.

Nos constantes debates e oficinas vivenciadas, foi possibilitado ao professor este entendimento mais amplo das suas dificuldades, das suas limitações, muitas vezes advindas de uma formação na graduação incipiente ou por conhecimentos já superados por novas concepções e teorias mais recentes. Haja vista que as constantes transformações da sociedade exigiram uma redefinição das práticas sociais, que hoje incluem fazer uso constante da leitura e da escrita como condição para a manutenção da cidadania, no sentido pleno da palavra.

Os professores-cursistas apresentavam dificuldades bem específicas acerca dos conteúdos trabalhados nas oficinas e estudados nos textos de referências sugeridos por nós à distância e, depois, socializados nos encontros. Daí a necessidade de oferecer-lhes um adequado suporte teórico-metodológico para o desenvolvimento das suas atividades com os alunos.

Partindo do conteúdo explorado nas unidades que formavam os Cadernos, íamos mobilizando os conhecimentos prévios dos professores e introduzindo substancialmente alguns pressupostos teóricos fundamentais ao aperfeiçoamento de uma prática de escrita e leitura significativa e atuante. Esta estratégia de organização pareceu-nos uma forma bastante eficaz de ajudá-los a reavaliar e redirecionar, quando necessário, seus conhecimentos e sua prática, para melhor atingir seus objetivos no trabalho com seus alunos.

Metodologia

O trabalho foi iniciado partindo das necessidades verificadas numa avaliação diagnóstica feita com os professores e alunos envolvidos no processo. Surgiu, daí, algumas constatações relativas ao processo de ensino e aprendizagem e a necessidade de atuação em campos específicos relativos à leitura e escrita.

Partindo dessa avaliação prévia, levando-se em consideração os dados obtidos, seguimos com as propostas de acordo com os conteúdos específicos de cada TP. E, no momento que percebíamos dificuldades no entendimento dos conteúdos trabalhados nos encontros presenciais

e estudados nos textos de referências sugeridos na TP, elaborávamos atividades e estratégias voltadas para sanar ou minimizar as lacunas evidenciadas e relatadas pelos professores.

A escolha das escolas foi da responsabilidade da equipe organizadora do Programa, na Secretaria do Estado. As instituições foram convidadas e incentivadas a participar da formação, porém sua adesão foi voluntária. Iniciamos com 30 professores de Língua Portuguesa divididos em dois grupos. As oficinas, motivo dessa análise, aconteceram uma ou duas vezes por mês, com estudos de 4h, no período de maio a dezembro de 2009, ocorrendo aos sábados, no CENEP/RN³.

Em nossa primeira oficina demos as informações básicas sobre a estrutura do GESTAR II e as características e a organização dos cadernos de Teoria e Prática. O curso está organizado em seis cadernos que procuram construir e rediscutir os pontos mais importantes do ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. No decorrer dos módulos, objetiva-se revisar conceitos fundamentais para construção e reelaboração de uma nova prática pedagógica.

A meta não é só a discussão de conceitos como texto, gênero, tipo textual, intertextualidade, gramática, mas expor como esses conceitos podem e devem entrar nas aulas para alunos do ensino fundamental de nossas escolas públicas.

Os Cadernos de Teoria e Prática trabalham o texto e as variantes da língua como decorrentes da relação entre linguagem e cultura; abordam as análises lingüísticas e literárias; discutem as questões ligadas à conceituação de gêneros e de tipos de discursos e ajudam a sistematizar o trabalho em torno da leitura e da produção de textos.

É importante ressaltar que as oficinas podem ser alteradas caso haja necessidade. O Programa tem esta flexibilidade, não sendo, portanto, preso a um modelo único de trabalho, o que o torna bastante interessante e adequado ao que procuramos desenvolver com professores na formação continuada.

Na utilização dos recursos tecnológicos, fizemos uso de todo material necessário a execução das oficinas, como data show, notebook, cd, DVD e demais recursos necessários.

As oficinas

³ CENEP significa Centro e Núcleo Estadual de Educação Profissional.

As oficinas seguem uma mesma sequência didática, porém aplica-se uma metodologia apropriada a cada objeto de estudo. No geral, as oficinas são divididas em cinco momentos:

- a) A I Parte é, em geral, razoavelmente rápida, ela está reservada para comentários e sugestões a respeito dos assuntos e atividades focalizados nas unidades presentes no caderno em estudo. Para que as reuniões aconteçam de forma mais interativa e interessante, os professores levam para o encontro com o formador os tópicos sobre os quais gostaria de tecer comentários ou estabelecer dúvidas;
- b) A II Parte está destinada normalmente ao relato de experiência, nesse momento compartilhamos acertos e dificuldades, por isso os professores-cursistas trazem o resultado de sua prática por escrito para entregar ao Formador e apresentar aos colegas;
- c) A III Parte tem a proposta de atividades, esse momento é previamente organizado pelo Formador atendendo às necessidades impostas pelo conteúdo em questão, esta parte é eminentemente prática, são sugeridas atividades individuais e/ou em grupo;
- d) A IV Parte considera os objetivos propostos inicialmente a serem atingidos e a validade das atividades propostas pelo Formador, é feita uma avaliação em conjunto da oficina, em que muitas sugestões e ajustes são considerados para o próximo encontro;
- e) A V Parte instiga a leitura de textos referentes ao próximo conteúdo a ser trabalhado e deixa sempre alguns questionamentos para reflexão do grupo e posterior debate.

O exemplo seguinte é parte do relato da formadora que, ao término da oficina, disponibiliza em blog as informações do encontro e o resultado de alguns trabalhos elaborados pelos cursistas. Este blog está inserido no blog do Gestar Potiguar e contém todas as informações relativas aos trabalhos desenvolvidos pelos cursistas durante a formação. Dessa forma, os formadores da sede (UNB) responsáveis pela elaboração dos cadernos e formação em todo o país, ficam sabendo de tudo o que está sendo desenvolvido nos diversos estados em que o Programa Gestar II acontece. O blog serve também como portfólio virtual.

GESTAR II – Sábado, 13 de junho de 2009

1ª Oficina do Caderno de Teoria e Prática (TP 3)

Formadora: Gianka S. Bezerril

Local: CENEP/RN

Data: 13/06/09

Parte I –

Após as saudações iniciais, expomos os objetivos da nossa aula:

- 1 – Identificar as diferenças e semelhanças na organização dos textos utilizados em diversos contextos de uso lingüístico;
- 2 – Relacionar gêneros textuais e competência sociocomunicativa;
- 3 – Identificar características que levam à classificação de um gênero textual.
- 4 – Distinguir as características de gênero literário e de gênero não-literário;
- 5 – Caracterizar gênero poético, de acordo com a função estética da linguagem;
- 6 – Caracterizar uma das formas de realização dos gêneros textuais.

A primeira parte da reunião foi reservada para comentários e sugestões a respeito dos assuntos e atividades focalizados nessas duas unidades. Retomamos as unidades 9 e 10 do TP3 desenvolvendo um estudo com explanação oral, debates e acompanhamento em slides dos conceitos de gênero textuais, competência sociocomunicativa e sua relação com o estudo dos gêneros; comentamos, também, acerca das sequências textuais, observando a predominância de uma sequência em detrimento de outras, na determinação da tipologia textual; e por último debatemos as finalidades do gênero e as maneiras de explorar os jogos de linguagem. O estudo foi bastante satisfatório, todos colocaram suas dúvidas e saberes sobre a temática. Foi um momento bastante elucidativo.

Parte II – Relato de experiência (50 minutos)

Aqui o objetivo é partilhar acertos e dificuldades, por isso, o cursista trouxe o resultado de sua prática por escrito para entregar ao formador e apresentar aos colegas. Percebemos que alguns cursistas ainda relutam em trazer seus relatórios, preferindo expor suas experiências de forma oral, no entanto, o registro é sempre solicitado e indispensável na constituição de seu portfólio. Propomos a escolha de uma das atividades sugeridas nessas duas unidades sob o título de *Avançando na Prática Pedagógica*, os cursistas relataram como se deu essa experiência:

planejamento, dificuldades teóricas encontradas, dificuldades de aplicação, resultados positivos e avaliação dos objetivos propostos.

Veja parte do relatório feito por uma das cursistas no momento da oficina com seus alunos.

Relatório referente aos procedimentos para desenvolver a Lição de Casa 2, página 187, Avançando na Prática, página 31, Teoria e Prática 3.

Formadora: Gianka S. Bezerril

Cursista: Marinalva Da Silva Avelino

A atividade foi aplicada na Escola Estadual Casa do Menor Trabalhador. Com a turma 6º ano “B”, turno matutino, que no momento constava de vinte alunos. Devido ao curtíssimo prazo para a entrega desse relato, a prática ficou resumida a quatro aulas. Tinha como objetivos:

- a) Trabalhar com o conhecimento intuitivo dos alunos em relação aos gêneros, mostrando que estes se ligam a sua funcionalidade e ao seu uso;
- b) perceber que nossa comunicação se dá por textos, que, por sua vez, se realiza em um gênero.

Os recursos utilizados na aplicação da atividade foram: pincéis atômicos, papel jornal, papel madeira, fita gomada, lápis, caneta, giz, quadro, gravuras do TP 3 e máquina fotográfica.

A turma foi dividida em grupos, sendo quatro com três elementos e dois com quatro. A cada grupo foram mostradas as gravuras do TP 3, páginas 15 e 16. Logo após, receberam uma folha de papel jornal e colocaram um significado para a palavra “trabalho”, que foi escrito no quadro. Em seguida, um representante de cada grupo leu a sua definição e pregou no quadro ao redor da palavra “trabalho”. Fez-se uma comparação dos significados com as gravuras vistas anteriormente. De forma individualizada, opinaram quais representavam um trabalho, justificando suas respostas.

No segundo momento foram apresentados em papel madeira o provérbio e o verbete de um dicionário a respeito de “Trabalho”, sugeridos na atividade 7, TP 3, p. 30. Discutiram-se, então, as características e suportes de cada um. Em seguida, responderam três perguntas retiradas do TP 3, página 31:

1 – Se você estiver procurando saber as significações de trabalho, a qual dos dois textos recorre?

Por quê?

2 – Se você quisesse dar um conselho a alguém, qual dos dois textos usaria?

3 – Qual dos dois textos assemelha-se ao texto produzido por vocês? Por quê?

No início da atividade foi difícil, porque três alunos não conseguiram se integrar ao trabalho, prejudicando o andamento do que era proposto. Infelizmente tiveram que ser afastados. Após esse incidente tudo transcorreu conforme planejado. A participação dos alunos foi gratificante. Apenas um pouco barulhenta, pois todos queriam falar ao mesmo tempo e não ouvia o outro. Mas foi só questão de controle e voltou a fluir normalmente. Ficaram eufóricos ao serem fotografados.

Depois de expostas e registradas suas opiniões e comparadas ao verbete do dicionário e o provérbio, perceberam que todos estavam relacionando trabalho à questão de dinheiro e sobrevivência. No final, concordaram com os outros significados e relações que esta palavra tem. Apesar do tempo limitado, a discussão levou-os a entender as diferenças e semelhanças na produção de textos, que variam de acordo com a utilização que se dará deste, mesmo sem especificar o termo gênero textual. Mesmo com a falta de colaboração de alguns alunos e a minha grande dificuldade com a utilização da informática para realização desse trabalho, considero que foi concluído com um saldo positivo para mim e meus alunos.

Parte III – Proposta de atividades (120 minutos)

Nosso terceiro passo, enquanto formadora, foi propor uma atividade com o texto "A casa":

1. Temos aqui uma proposta de atividade. Você deve se juntar a dois ou três outros colegas e desenvolvê-la. Planeje atividades de leitura, interpretação e produção de textos visando à análise, caracterização e classificação dos gêneros textuais que esses exemplos realizam.

Neste momento, os alunos formaram dois grupos e produziram novas versões baseadas no texto lido (de venda, aluguel, tombamento, roubo). Cada equipe escolheu um gênero para reescrever o texto e apresentá-lo no grande grupo. Surgiram versões como: poema e classificado. Cada grupo produziu um texto com base nas referências do texto lido. Vejam o resultado das produções realizadas por cada grupo.

Atividade da oficina

1º Grupo – Marinalva da Silva Avelino, Sueli F. C. da Silva e Terezinha A. da Silva

Aluga-se uma casa

Aluga-se enorme casa

Uma verdadeira mansão

Construída em dois andares

Para uma melhor visualização.

Os muros revestidos de pedra

Com entrada pela lateral

Jardins extremamente cuidados

Para lazer é um lugar ideal.

A meio quilômetro do centro

Essa linda casa você encontrará

Que por motivo de viagem

Preciso urgentemente alugar.

São três dormitórios em cima

Embaixo, cozinha, escritório e sala

Passarelas para caminhadas

Não hesite, venha logo alugá-la.

2º Grupo – Alunas: Francisca Olivia Andrade e Maria de Jesus Catão

A casa

Compra-se uma casa
Com portas e janelas
Que bem-te-vis batem asas
Sobre as rosas amarelas.

Compra-se uma casa
Com infinito jardim
Pra passear com meu bem
Sem pensar em mais ninguém.

Compra-se uma casa
Que seja toda bela
Que o seu muro
Seja revestido de pérola.

Compra-se uma casa
Onde as crianças possam brincar
Ouvindo a melodia
Dos pássaros a cantar.

Quem souber desta casa
Por favor, me avisar
Pois esta é a casa dos meus sonhos
Que quero realizar.

Parte IV – Avaliação da oficina (20 minutos)

A avaliação do grupo em relação à oficina desenvolvida foi bastante satisfatória, percebemos o interesse de todos no desenvolvimento das atividades e debates, assim como, o empenho na produção da proposta de produção textual solicitada.

Parte V – Proposta de atividades (20 minutos)

Propomos o estudo de alguns gêneros e a leitura de alguns textos teóricos, já comentados em sala. Provocamos a curiosidade pelas unidades 11 e 12 e salientamos a necessidade de se desenvolver mais um *Avançando na Prática* para ser socializado no próximo encontro. Assim finalizamos a oficina.

Esta é a sequência de trabalho desenvolvida em cada encontro presencial. Certamente algumas alterações são feitas quando a formadora julga necessário, mas busca-se seguir um planejamento semelhante em todas as oficinas, no intuito de passar por todas as etapas previstas nos cadernos, pois os mesmos têm uma estrutura que atende às necessidades de leitura, debate, produção e reflexão da prática do professor em sala de aula.

Considerações Finais

O Programa supracitado serviu de base para a nossa reflexão, pois objetiva identificar e refletir acerca das ações do professor frente ao novo objeto de ensino e aprendizagem e as práticas de planejamento e didatização dos gêneros na escola, ocasionando um crescente desenvolvimento de pesquisas em Linguística Aplicada.

Esse artigo buscou oferecer conhecimento teórico-metodológico, assim como promover um espaço de reflexão da prática do professor, nas escolas da rede pública, nas habilidades de leitura, produção de textos e análise linguística. Também salientou a importância dos estudos de letramento na questão dos usos da língua escrita sob várias perspectivas: psicológicas, históricas, lingüístico-discursivas, pedagógica, etnográfica e sociológica.

A relação que foi feita entre o letramento, os conteúdos vistos nas oficinas e a prática profissional dos cursistas estão especialmente voltados às questões que envolvem as práticas sociais da leitura e escrita e a compreensão dos significados sociais e políticos que subjazem a essas práticas, e como nós, professores de Língua Materna, podemos mediá-las.

Procurou-se expor uma pequena amostra do trabalho que foi desenvolvido como parte da política de formação continuada do MEC, no estado do Rio Grande do Norte, através do Programa Gestão da Aprendizagem Escolar (GESTAR).

Referencial Teórico

BARTON, David. Preface: literacy events and literacy practices. In: Mary Hamilton, David Barton and Roz Ivanic (orgs.) *Worlds of Literacy*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 1993.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSCHINOV, V. N. *Discurso na Vida e Discurso na Arte (sobre a poética sociológica)*. Trad. De Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

_____. *Estética da Criação Verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. (Voloshinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12º ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

Marcuschi, L. A. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II. Língua Portuguesa: Caderno de Teoria e Prática 1 – TP1: linguagem e cultura. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRIGUEZ, Maria Helena. *Escola, leitura e produção de textos*; trad. Inajara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KLEIMAN, A. B. (orgs.) *Os significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

TINOCO, Glícia Azevedo. Mundos de letramentos de professores em formação no agreste norte-rio-grandense. In: KLEIMAN, A. B., OLIVEIRA, Maria do Socorro (Orgs.). *Letramentos múltiplos: agentes, práticas e representações*. Natal/RN: EDUFRN, 2008, p. 63–89.

VYGOSTKY, L. S. *A construção do pensamento de linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SOARES, Magda. *Letramento. Um tema em três gêneros*. Belo Horizonte. Autêntica, 1998.